



PENSAMENTO MÁGICO E MÍSTICA NA VIDA RELIGIOSA DE MULHERES: REFLEXÕES A PARTIR DO PENSAMENTO DE SIMONE DE BEAUVOIR E MARCELA LAGARDE

Amanda Motta Angelo Castro¹
Edla Eggert²

1. Introdução: situando empiria e teoria

O trabalho aqui apresentado tem como objetivo principal realizar algumas reflexões a partir do pensamento da Filósofa feminista francesa Simone de Beauvoir³ (1908 – 1986) da antropóloga feminista mexicana Marcela Lagarde, professora da Universidad Nacional Autónoma do México - UNAM.

Propomos pensar o que ambas escreveram sobre as mulheres e sua religiosidade. Refletirmos sobre o pensamento de Beauvoir e Lagarde a partir da nossa pesquisa empírica, que ocorre num ateliê de tecelagem localizado em Alvorada⁴, região metropolitana de Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul.

Com poucas opções de trabalho e para evitarem o longo trajeto de deslocamento até Porto Alegre (onde muitas mulheres de Alvorada trabalham, sobretudo nas atividades do comércio, serviços gerais e em casas de família como empregadas domésticas) algumas trabalhadoras buscaram na tecelagem uma forma de sustento, tanto para elas como para suas famílias pois várias destas mulheres são chefes de família.

As mulheres do ateliê trabalham de segunda a sexta, em turno integral, produzindo peças de vestuário feminino e produtos para casa. Para a realização deste trabalho, estão organizadas em uma

¹ Mestranda do PPGEduc – UNISINOS. Bolsista da CAPES – Brasil. E-mail mottaamanda@yahoo.com

² Professora do PPGEduc – UNISINOS. Bolsista Produtividade 2. E-mail edla@unisinis.br

³ Utilizaremos nome e sobrenome do/a autor/ar na primeira citação, após a primeira citação os/as autores/as passam então a ser citados com sobrenome. Entendemos que é importante citarmos o nome completo, pois é uma forma de identificar quem está escrevendo. Paulo Freire faz referência à importância do lugar da mulher na linguagem, após ser criticado pela sua linguagem machista por feministas norte americanas na sua obra principal *Pedagogia do Oprimido* publicada em 1968. Paulo Freire então retoma esta questão em *Pedagogia da Esperança* em 1992 passando então a utilizar uma linguagem inclusiva.

⁴ Alvorada emancipou-se no dia 17 de setembro de 1965, conforme a lei estadual nº 5026, e o nome de Alvorada, acredita-se que seja uma referência ao seu povo constituído em sua maioria por trabalhadores que acordavam nas primeiras horas da manhã para trabalhar na capital do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Com 72,9 Km², e área urbana legal de 52 Km² o município é um dos menores do Estado. A economia é baseada principalmente no comércio e no setor de serviços, além da maioria da população trabalhar no município de Porto Alegre, fazendo com que a cidade seja conhecida também como cidade-dormitório. Sua População segundo dados do IBGE de 2008 conta com 211.233 habitantes. Informações obtidas no site www.alvorada.rs.gov.br no dia 08/10/2009 (PREFEITURA ALVORADA, 2009).



cooperativa⁵. Nenhuma delas aprendeu o ofício da tecelagem na família e sim com a tecelã coordenadora, que ensinou a arte da tecelagem para as demais.

No ateliê, mulheres “ganham a vida” fazendo arte entre tramas e fios, sendo uma arte milenar, a tecelagem é uma das formas mais antigas de artesanato presente nos dias atuais. No ateliê os fios tramados entre dores nas costas e conversas entre as tecelãs ganham forma e cores, num processo de criação e produção, encantador. Nossa pesquisa⁶, iniciada em 2007, iniciou com uma média de quinze mulheres, hoje depois da crise econômica ocorrida no início de 2009 está composta por oito tecelãs. Durante nossas observações, percebemos que o momento de crise financeira decorrente da situação mundial, também afetou o atelier e os pedidos foram reduzidos pela metade. Por falta de pedidos, algumas mulheres saíram do ateliê em busca de trabalho.

Durante o ano de 2009 acompanhamos momentos de despedidas, tristezas, desânimo, desesperanças e a busca das tecelãs para que, de alguma forma, a crise fosse vencida. Acompanhamos ali, a felicidade ser adiada. Felicidade de ter trabalho, de produzir, de “ganhar a vida”, manter o sustento e sobreviver. As palavras tristes e poéticas de Ivone Gebara (2000) passaram a fazer parte do cotidiano das mulheres tecelãs: “cada dia que passa se adia a justiça para amanhã, a plenitude do amor para depois, a felicidade para a eternidade” (GEBARA, 2000, p.95). Em certo momento da pesquisa, notamos que a tristeza, o desgaste e o cansaço pareceu ter tomado os “ares” do ateliê.

Nesse momento de angústia, passamos a observar algo interessante: as mulheres, dirigidas por uma tecelã que trabalha há dez anos no ateliê, fiel da igreja pentecostal Assembléia de Deus, passou a incorporar uma rotina no trabalho de tecelagem: a de “transmitir” ensinamentos da igreja no ateliê por meio de orações, palavras da Bíblia lidas no início da manhã (o que chama de “momento devocional”) e conversas informais sobre Deus com suas colegas. A fala dessa tecelã (a que chamamos **TECELÃ ALGODÃO**)⁷, aponta para a importância da Igreja em ensinar:

[...] se tu abres a palavra de Deus está tudo ali, tudo que agente tem que fazer, tudo que é certo fazer, agente só tem que praticar e também agente tem que pregar a palavra de Deus para as outras pessoas para que todos

⁵ O cooperativismo representa a união entre pessoas voltadas para um mesmo objetivo. Uma organização dessa natureza caracteriza-se por ser gerida de forma democrática e participativa, de acordo com aquilo que pretendem seus associados. As sociedades cooperativas estão reguladas pela Lei no 5.764, de 1971 que definiu a Política Nacional de Cooperativismo. Informações obtidas no site da receita federal <www.receita.fazenda.gov.br/.../pr634a646.htm>. Acessado em 10/08/2009 (BRASIL, 1971).

⁶ A pesquisa intitulada “Tramas do ensinar e do aprender em espaços não – formais e sua interface com a pedagogia escolar”, é coordenada pela professora doutora Edla Eggert, professora do Programa de Pós – graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, possui financiamento da Unsinos, da Fapergs e do Cnpq.

⁷ As tecelãs são identificadas por tecidos, a partir da classificação de tecidos possíveis de tramar (algodão, linho, lã, seda, tafetá, sarja, cetim, segundo a autora Dinah Pezzolo. Veja nas referências finais).



possam aprender sobre a palavra, não é só o pastor que diz que agente tem que seguir e mostrar o caminho para as a outras mesmo as a palavra de Deus diz isso também (TECELÃ ALGODÃO)⁸.

Dessa forma elas instituíram um ritual a cada manhã antes do início do trabalho: ler um versículo bíblico e orar pelo bom andamento do trabalho e de suas famílias. Isso tem trazido bem-estar ao grupo, segundo o relato de todas. A fala de uma das tecelãs, durante a observação participante, retrata bem como o coletivo recebe a nova prática: “É, eu acho que esta sendo bom né? Eu acredito Nele, a Tecelã Algodão tem falado muito que Ele pode nos ajudar a mudar toda a situação aqui no ateliê, eu acredito Nele, eu preciso acreditar né? Porque preciso trabalhar” (TECELÃ LÃ).

Para essas mulheres a religião e os exercícios de fé, que vem ocorrendo no ateliê diariamente, tem a mistura do mágico e do milagre.

2. Olhar sobre educação, gênero e religião

O foco do nosso olhar é a Educação, Gênero, Religião e o cotidiano das mulheres tecelãs. Buscamos compreender como as femilidades aprendidas na sociedade e reafirmadas na igreja pentecostal Assembléia de Deus, interferem no cotidiano de tecelagem produzido por mulheres.

Entendemos que a pesquisa não é neutra (PAULO FREIRE, 1997; CARLOS BRANDÃO; DANILO STRECK, 2003). Sabemos, também, que o referencial epistemológico é situado, contingente e localizado (ELIANE NEUENFELDT, 2008). Por esse motivo entendemos ser importante e necessário indicarmos o campo teórico de onde falamos. Pesquisamos mulheres numa perspectiva feminista e utilizamos o conceito de gênero entendido como o estudo das relações cultural e socialmente produzidas entre homens e mulheres, e destes entre si. Um conceito que foi sendo construído nos estudos relacionados a diversos campos do feminismo e, por isso, também de ordem ideológica, política e de lutas (HELEIETH SAFFIOTI, 2004). Portanto homens e mulheres são ensinados a serem o que são na cultura que estão inseridos. Seguindo este referencial, somos ensinados/as desde a infância como devemos ser homens ou mulheres, para sermos socialmente aceitos.

Gênero é sempre influenciado por fatores sociais como raça, etnia, cultura, classe social e idade (ELISABETH FIORENZA, 2009), e segundo Gebara é também influenciado pela religião (GEBARA, 2000, p.107).

⁸ CASTRO, A.M.A. Diário de campo. Anotações com base em conversas realizadas no dia 10 de agosto de 2009.



Gênero quer dizer, entre outras coisas. Falar a partir de um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico do nosso ser, e de outro lado, num caráter que vai além do biológico porque é justamente um fato de cultura, de história, de sociedade, de ideologia e de religião.⁹

Pensar na articulação entre educação, gênero e religião é “andar na contra mão”. Sabemos que o campo religioso vem sendo escrito, pensado e dominado pelo masculino há séculos (GEBARA, 2000; MARIA NUNES, 2005), portanto pensar, pesquisar e escrever sobre a mulher na religião, como atuante, tem sido a luta consciente de muitas mulheres dentro da academia logo, entendemos que esta luta, também é teórica.

Embora saibamos que “[...] nenhuma área das religiões instituídas deixou de passar pelo crivo crítico do olhar feminista” (NUNES, 2006, p.1), entendemos, ser de extrema importância que as questões de gênero e religião sejam revistadas, por diferentes olhares, inclusive no campo da Educação. Em especial por dois motivos que achamos relevantes:

O primeiro é que sabemos que a instituição social igreja, ainda vem sendo dominada por homens e mulheres que colaboram na manutenção da sociedade patriarcal que oprime as mulheres e os homens que não compõem o modelo estruturador do patriarcado e, por isso, também são marginalizados. Essa manutenção tem sua eficácia, sobretudo, por meio dos ensinamentos (GEBARA, 2000, NUNES, 2005).

O segundo é que suspeitamos que através dos/as fieis as instituições religiosas ensinam e reafirmam ensinamentos, em especial aqui os ligados as questões de gênero. Portanto, há uma produção de pedagogias no cotidiano das igrejas e nos vários espaços onde as pessoas se relacionam, nos espaços não formais de ensino como no cotidiano da tecelagem, como também nos espaços formais destas instituições como os casamentos, cultos, enterros, escola dominical, entre outros.

3. A Igreja Pentecostal Assembléia de Deus em Foco

Em 1911 desembarcaram no porto de Belém do Pará dois missionários Suecos (Daniel Berg e Gunnar Vingren). Sua missão era implantar no Brasil o Movimento Pentecostal.

Neste momento, o cenário religioso no Brasil não tem muitas opções para a população pobre, negra e marginal. De um lado estava a Igreja Católica de outro as Igrejas Protestantes Históricas. As religiões africanas e o espiritismo eram “caso de polícia” e ainda não estavam “legalizadas” como religião oficial. Portanto, não tínhamos um movimento religioso que

⁹ GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. São Paulo: Vozes, 2000.



apresentasse por objetivo, pessoas pobres e sem voz, ou seja, pessoas que estavam “as margens” da sociedade. Em vista disso, o Movimento Pentecostal nasce com o intuito de atender essas pessoas, e passados quase cem anos, esse foco continua sendo seu alvo principal. Segundo Gedeson de Alencar (2000, p.10):

Este pentecostalismo, atualmente nominado de “clássico” foi trazido por imigrantes pobres, sendo, portanto, absolutamente marginal, por ser uma religião de pobres e pretos. Aqui cresce entre imigrantes nordestinos e alcança todo o país sempre de forma periférica.¹⁰

Os Suecos chegam então no Brasil num momento propício para iniciar um movimento religioso que englobasse a população pobre. Eles começaram em Belém do Pará com vinte pessoas, em vinte anos alcançam todo o país, chegando ao estado do Rio Grande do Sul em 1924.

Em 1928 o movimento iniciado pelos suecos é registrado oficialmente com o nome de Igreja Assembléia de Deus e em 1980 são configurados pelo Censo como categoria religiosa.

Passados quase um século de sua fundação, a Assembléia de Deus é hoje a segunda instituição religiosa em número de fiéis e templos em solo Brasileiro, sendo superada, apenas, pela Igreja Católica.

Segundo pesquisa da Fundação Getulio Vargas - FGV, a igreja Assembléia de Deus possui hoje cerca de 9 milhões de fiéis, além de ser a igreja que mais ganha fiéis por ano. Além desses dados, das igrejas pentecostais existentes no Brasil, a Assembléia de Deus é o grupo religioso que apresenta a maior taxa de mulheres em suas fileiras (MARIA MACHADO, 2005).

4. O Pensamento de Beauvoir e Lagarde

Existem peculiaridades na experiência da religiosidade exercida por mulheres? Ou a experiência é igual para ambos os sexos? A religião e, nesse texto, a religião cristã pentecostal, tem contribuído eficazmente na invisibilização e no silenciamento das mulheres. A Bíblia escrita numa lógica e argumento patriacal é contundente sobre a conduta submissa que as mulheres devem ter, os padrões de ser mulher socialmente construídos são reafirmados pela igreja através dos ensinamentos sobre como *ser mulher* e para além disso, como ser uma *boa mulher*. Em várias religiões cristãs, as mulheres não podem exercer atos pastorais. A igreja Assembléia de Deus, embora com seu expressivo número de fiéis mulheres, não permite que estas exerçam o ministério e atos pastorais, com isso, não podem desenvolver nenhuma liturgia dentro da igreja. Entretanto as mulheres cantam,

¹⁰ ALENCAR, Gedeson Freiras de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembléia de Deus: Origem, implantação e militância (1911 – 1946)*. Dissertação de Mestrado. Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. 2000.



ensinam a Bíblia e são as principais participantes dos círculos de oração e dos grupos de evangelização, fundamental para o avanço da Assembléia de Deus no Brasil.

Refletindo a partir do pensamento e da epistemologia feminista como é a experiência de religiosidade das mulheres? Lagarde (2005) vai nos dar algumas contribuições importantes para pensarmos mulheres e religião, em especial quando ela desenvolve o argumento de um “pensamento mágico”. Aqui, a busca por um amparo e uma solução “vem das alturas”, como na forma de um milagre.

Por aprender que a força vem de fora, dos outros, elas facilmente buscam fora de si mesmas as respostas necessárias para suas inseguranças e necessidades. A autora lista uma série de itens, os quais são muito mais comprados, lidos e freqüentados pelas mulheres do que pelos homens como, por exemplo: as cartas de tarô, a leitura dos horóscopos, a leitura das mãos e a freqüência a círculos de orações e igrejas. O “pensamento mágico” faz com que as mulheres acreditem no “milagre”, na força superior, na salvação das “alturas”. Para Lagarde o que faz as mulheres buscarem amparo e fé resultado de um “pensamento mágico” não é a incapacidade e falta de inteligência em buscar outras formas de pensamento e sim porque o pensamento mágico sociocultural as impede de buscá-lo e fazê-lo. Segundo Lagarde (2005, p.300):

El pensamiento mágico y la deducción experimental coexisten em la mentalidad femenina con el principio político que rige su apreciación y afectiva del mundo: se trata del principio religioso, el cual hace que las mujeres consideren la vida, su vida y todo lo que ocurre a su alrededor, causado por fuerzas omnipotentes, exteriores y las más de las veces, ajenas a ellas. El principio religioso supone también lá consideración de los otros, sobre todo que quienes dependen de manera vital, como seres sobrenaturales, como deidades.¹¹

Parece-nos que a experiência da religiosidade para as mulheres está ligada ao pensamento mágico, fazendo assim com que elas se “esvaziem”, lançando o “poder” ao outro, de preferência a um ser masculino, é um compasso de espera, omissão e alento vindo das alturas. Um homem cuida, resolve e soluciona os problemas e angustias.

Beauvoir em um capítulo sobre “A mística¹²” no livro “Segundo sexo”, inicia com a afirmação de que para a mulher o amor é sua suprema vocação. Tanto amar, como ser amada é o desejo socialmente ditado para as mulheres. Por esse motivo a mulher busca a experiência da religiosidade com fervor e intensidade, pois assim ela ama e é amada. Com o amor mútuo do ser sobrenatural a mulher sente-se extremamente valorizada, e a partir disso sente-se encarregada de uma missão, o que faz com que muitas mulheres puguem, ensinem e esperem. Segundo Beauvoir

¹¹ LAGARDE, Marcela. *Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed., Ciudad del México, UNAM, 2005.

¹² Segundo o dicionário de Filosofia de Japiassú e Marconde mística é o que diz respeito ao misticismo. Engloba caráter mágico, mistério e fascínio.



(2009, p.867) “a mulher está acostumada a viver de joelhos; espera normalmente que a salvação desça do céu onde reinam os homens [...]”.

Ao que parece, a necessidade organiza o desejo ou, na linguagem religiosa utilizada pelas mulheres do ateliê de tecelagem, “Deus vem ao encontro de quem pede e acredita” como um milagre. “Foi Deus quem quis assim” é uma fala muito ouvida no ateliê principalmente nos momentos de incertezas.

5. Algumas considerações parciais

A religião, como já citado anteriormente, vem sendo dominada por homens, entretanto não são quaisquer “tipo” de homens, eles compõem um perfil que colabora na manutenção de sociedade patriarcal que segue invisibilizando as experiências das mulheres.

Em nossa pesquisa acompanhamos a mistura de “pensamento mágico” e da “mística” que vem sendo exercida pelas mulheres do ateliê.

A pergunta é: A mulher com sua experiência religiosa pode ultrapassar o pensamento mágico e a mística? Não cabe a nós aqui concluirmos, entretanto podemos, em nossas pesquisas abrir novos caminhos e possibilidade de pensar a mulher na religião.

Segundo Edla Eggert (2008, p.85) “[...] a religião talvez possa vir a ser um elemento de força e resistência a partir do desejo de liberdade, embora saibamos que, rapidamente, encontraremos elementos segregadores que estimulam a subserviência.” A religião e os agentes do sagrado podem então possuir algo de paradoxal?

A teologia e a educação das mulheres para a submissão aparece como um discurso globalizante, universal (GEBARA, 2000). Segundo Rosemary Ruether (1995), a religião é sexista e promove um argumento que possibilita às mulheres empalidecerem seus caminhos em detrimento a um Deus que é representado sempre no masculino. Também Fiorenza (1992) indica instâncias que despotencializam os saberes das mulheres em detrimento aos ensinamentos teológicos androcêntricos. Todas essas autoras, porém, demonstram que há janelas, há subversões, há mulheres que não se conformaram, que levantaram a suspeita de que poderia ser diferente.

Entre muitas mulheres que tranquilamente “aguardam” que um homem venha de algum lugar para as “ajudar/salvar”, não podemos deixar de citar algumas mulheres que fizeram da experiência religiosa uma forma de buscar a liberdade e lutar, fazendo o que Beauvoir chamou de “mística transformada em ação”, resultando mulheres forte e que ousaram ultrapassar os limites



socialmente determinados e reafirmados pela igreja através dos ensinamentos sobre como ser mulher e como ser uma boa mulher. Podemos citar o exemplo, da Freira mexicana Joana Inês da Cruz, apontada como a primeira feminista latino-americana e Ivone Gebara, freira e feminista brasileira.

E não poderíamos deixar de citar, também, Frida Vingren, invisibilizada pela igreja Assembléia de Deus, apontada como uma das lideranças no início do movimento pentecostal no Brasil. Contrariando a Igreja que ainda hoje permanece sob a égide patriarcal ensinando a submissão da mulher e seu conseqüente silenciamento.

Neste momento da nossa pesquisa o que observamos no ateliê entendemos estar atrelado ao pensamento mágico e místico descrito por Beauvoir e Lagarde, a busca pela necessidade de esperança tem organizado o desejo das tecelãs que tem buscado na religião amparo consolo e ajuda, (NUNES, 2005), reforçando assim os ensinamentos da tecelã Algodão.

Bibliografia

ALENCAR, Gedeson Freiras de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembléia de Deus: Origem, implantação e militância (1911 – 1946)*. Dissertação de Mestrado. Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. 2000.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A pergunta a várias mãos, a experiência da pesquisa no trabalho do educador*. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Lei nº 5.764, de 1971. *Política Nacional de Cooperativismo*. Disponível em: <www.receita.fazenda.gov.br/.../pr634a646.htm>. Acesso em: 10 ago. 2009.

EGGERT, Edla. *Trabalho Manual e debate temático: Tramando Conhecimentos na simultaneidade*. IN NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). In: *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. *As origens cristas da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação Bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhauduti, 2009.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. São Paulo: Vozes, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Indicadores Sociais*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 9 out. 2009.



JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LAGARDE, Marcela. *Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed., Ciudad del México, UNAM, 2005.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais*. Revista de Estudos Feministas. Florianópolis: v. 13, mai./ago. 2005. p. 01-07.

NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

NUNES, Maria Jose Rosado. *Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara*. Revista de Estudos Feministas. Florianópolis: v. 14, jan./apr. 2006. p. 01-05.

_____. *Gênero e Religião*. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26888.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2008.

_____. *Gênero, saber, poder e religião*. In: ANJOS, Márcio Fabri dos. *Teologia e novos paradigmas*. São Paulo: Loyola, 1996.

PEZZOLO, Dinah Bueno. *Tecidos: História, tramas, tipos e usos*. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

PREFEITURA DE ALVORADA. *História*. Disponível em: <<http://www.alvorada.rs.gov.br>>. Acesso em: 25 out. 2009.

RUTHER, R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo : Sinodal, 1993.

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero e patriarcado*. In.: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. *A mulher brasileira nos espaços públicos e privados*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.